

Os signos ideológicos no discurso da Organização Mundial do Comércio
The ideological signs in the discourse of World Trade Organization
por [Rodrigo Moreno Marques e Marta Macedo Kerr Pinheiro e Filipe Oliveira Raslan](#)

Resumo: O problema que resume o objeto da investigação coloca-se pelas seguintes indagações: (i) Como se materializa a identidade informacional difundida pela Organização Mundial do Comércio (OMC) através da informação disponibilizada em seu website? (ii) É possível apreender, desse cenário semiótico, o sentido que essa instituição pretende provocar a partir da organização desta informação e dos signos que ela traz? Para enfrentar essas questões, buscamos, entre as teorias da significação, uma concepção fundamentada na dialética materialista. A análise do discurso foi empregada como instrumento de investigação e as concepções de Mikhail Bakhtin como guia para o nosso olhar. Demonstra-se que os signos difundidos pela OMC materializam a imagem de uma instituição que se apresenta como única defensora do caminho ideal para a prosperidade da humanidade, encobrindo e desqualificando outras perspectivas contrárias ao ideário liberal. A palavra, fenômeno ideológico que forma e deforma o signo, revela ser um sensível indicador das relações sociais.

Palavras-chave: Teorias da significação; Análise do discurso; Organização Mundial do Comércio; Dialética materialista.

Abstract: The problem that summarizes the object of the research is presented in the following questions: (i) How the informational identity disseminated by World Trade Organization (WTO) is materialized through the information published on its website? (ii) Is it possible to apprehend in this semiotic scenario the meaning that this institution intends to provoke from the organization of this information and the signs it brings? To face these questions, we sought among the theories of signification a conception based on dialectical materialism. Discourse analysis was adopted as a research tool and Mikhail Bakhtin conceptions as a guide to our perspective. It is shown that the signs disseminated by WTO materialize the image of an institution that presents itself as the sole defender of ideal path to humankind prosperity, covering and disqualifying opposite perspectives to the liberal ideals. The word, ideological phenomenon that forms and deforms the sign, shows to be a sensitive indicator of social relations.

Key-words: Theories of signification; Discourse analysis; World Trade Organization; Dialectical materialism.

Introdução

A pesquisa ora relatada partiu da proposta de conceber e levar a cabo um projeto teórico e empírico voltado para analisar a informação a partir das teorias da significação e da dialética materialista. Elegemos como objeto desse projeto o sítio da Organização Mundial do Comércio (OMC) na Internet e, dentro desse universo, o conteúdo e as formas do discurso ali presente. A [Organização Mundial do Comércio](#), OMC é uma instituição sediada em Genebra na Suíça, na qual têm assento representantes de 153 nações, estando voltada para a liberalização do comércio internacional. Através desse órgão multilateral, são estabelecidos acordos que objetivam o fomento dos negócios internacionais e a solução de eventuais litígios comerciais. O referido site é empregado como repositório dos documentos que registram os pactos estabelecidos entre os interlocutores das empresas, que se fazem representar por delegados dos Governos, instituições de classe voltadas para o mercado, e algumas organizações não governamentais. Ali são divulgadas as deliberações dessa organização e os acordos coletivos construídos. Portanto, esse espaço virtual e sua informação podem ser considerados instrumentos de mediação das convenções e divergências comerciais globais.

O sítio da OMC pode ser tomado como um cenário onde se fazem presentes os sujeitos das negociações - ou seus interlocutores indiretos - e os documentos que registram os tratados celebrados a partir das relações entre esses sujeitos. A publicidade dos documentos, estabelecida por meio do website, demonstra a importância da informação como instrumento de criação de sentido, representação e propagação de signos. A proposta da investigação concebida nasce de um problema que pode ser resumido nas seguintes indagações: (i) Como se materializa a identidade informacional difundida pela Organização Mundial do Comércio através da informação disponibilizada em seu sítio na Internet? (ii) É possível apreender, nesse cenário semiótico, o sentido que essa instituição pretende

provocar, a partir da informação ali divulgada e dos signos que ela traz? Diante do problema colocado, estabelecemos como objetivo analisar o referido site - aqui tomado como cenário semiótico - para nele reconhecer seus principais signos e o sentido que ele pretende estimular.

Um website representa a materialização de signos instituídos por seus criadores, constituindo uma construção de uma concepção prévia cuja finalidade é atingir certo público. Tendo em vista que a Organização Mundial do Comércio representa os interesses econômicos de instituições voltadas para o comércio internacional, é razoável pressupor que as informações que essa instituição dissemina em seu sítio, traduzidas por meio de signos explícitos e implícitos, refletem uma visão de mundo alinhada com o ideário do liberalismo econômico. Procuramos apreender como se materializa a identidade informacional que a Organização Mundial do Comércio pretende construir através do seu sítio, identidade essa que é tomada como uma construção social mediada pela linguagem e pela informação difundida por meio deste cenário semiótico. Nesse sentido, elegemos a análise do discurso como instrumento de apreensão da realidade e as concepções do filósofo [Bakhtin](#) (2009) como guia para o nosso olhar ¹.

Esse texto está estruturado em sete seções. Após essa introdução, são discutidas algumas ideias centrais dos fundadores das teorias da significação, a saber: Ferdinand de Saussure, Charles Sanders Peirce e, com maior ênfase, o marxista [Mikhail Bakhtin](#). A terceira seção apresenta a Organização Mundial do Comércio e seus objetivos por meio da sua voz institucional. Para fazer um contraponto ao discurso desse órgão, a seção seguinte descreve a Organização Mundial do Comércio a partir de outras vozes, o que permitirá perceber a essência do contexto histórico, social e econômico em que essa instituição está inserida. A quinta seção justifica a opção pela análise do discurso como instrumento de pesquisa, apresenta alguns aspectos do método bakhtiniano e descreve como se deu sua adoção nesta investigação. Na sexta seção, são apresentados os resultados alcançados, e a última seção aborda as conclusões que podem ser tiradas após esse percurso, apontando alguns caminhos futuros.

As teorias da significação e a filosofia da linguagem bakhtiniana

A abordagem das teorias da significação contemporânea foi criada a partir do início do século XX e, desde o seu nascimento, estas separaram-se em campos teóricos distintos como a linguística, a semiótica e a semiologia. [Santarella](#) (2006) destaca a diferença entre a linguística e a semiótica. Enquanto a linguística está voltada para o contexto das comunicações de mensagens verbais, a semiótica tem como objetivo o estudo das comunicações de qualquer mensagem. Da obra de Charles Sanders Peirce deriva um conjunto de teorias que passaram a integrar o domínio da semiótica. Na condição de ciência normativa, ela busca estabelecer os caminhos que levam uma mente a pensar ([Almeida](#), 2009). Valorizando as reflexões de Peirce, [Moura](#) (2006) destaca que a semiótica não está ligada apenas ao signo linguístico, mas representa a ciência geral dos signos e dos processos de significação. Volta-se para o estudo de todos os tipos possíveis de ações sógnicas. Afirma ainda que, dentro da concepção de Peirce, todo o pensamento se constrói através de signos, sendo os gestos, as ideias, as cognições e o próprio homem considerados entidades semióticas.

[Saussure](#) (1970) propõe a adoção do termo semiologia para definir o campo voltado para investigar a constituição dos signos, as leis que regem a ação dos signos na vida social e a natureza dos mesmos. Sob esse ponto de vista, a semiologia está vinculada à psicologia social e tem a linguística como disciplina mais avançada ([Almeida](#), 2009). Em diferente direção, [Bakhtin](#) (2009) constrói uma filosofia da linguagem centrada no signo ideológico e nas ideologias expressas nos sistemas semióticos, visando a *"esboçar as orientações de base que uma reflexão aprofundada sobre a linguagem deveria seguir e os procedimentos metodológicos a partir dos quais essa reflexão deve estabelecer-se para abordar os problemas concretos da linguística"* ([Bakhtin](#), 2009, p.25).

Ao evidenciar a relevância dialética do signo concebida por [Bakhtin](#), em especial do signo verbal, [Jakobson](#) (2009) destaca que as concepções deste filósofo anteciparam as atuais teorias da sociolinguística e, principalmente, precederam as pesquisas semióticas contemporâneas e ampliaram os horizontes desse campo. [Yaguello](#) (2009) relaciona as ideias de Bakhtin aos fundamentos da

semiologia moderna e destaca a proposta do autor de investigar em que medida a linguagem determina a consciência e em que medida a ideologia determina a linguagem. [Bakhtin](#) (2009) afirma que tudo o que é ideológico é um signo e possui um valor semiótico, não existindo ideologia sem signos. Destaca que um signo não representa apenas parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma outra, podendo distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico. O autor evidencia que a análise linguística não pode ser feita isoladamente, pois a enunciação tem uma natureza social e não individual.

Nesse sentido, [Yaguello](#) (2009) afirma que, segundo a concepção bakhtiniana, a fala está ligada indissolavelmente às condições em que se dá a comunicação e, portanto, às estruturas sociais envolvidas. Para [Bakhtin](#) (2009), é somente em um terreno interindividual que os signos podem aparecer, ainda que essa aparição não seja natural, pois ela exige a existência de uma organização social entre os indivíduos que se comunicam. É preciso que eles formem um grupo (*uma unidade social*) que permita que os signos se constituam. O filósofo russo reflete sobre as questões ligadas à consciência individual e considera que ela é um fato socioideológico. Defende um ponto de vista segundo o qual a consciência individual nada pode explicar, mas, ao contrário, *"ela própria deve ser explicada a partir do meio ideológico e social"* ([Bakhtin](#), 2009, p.35). Assim, é nos signos criados por um grupo social que a consciência adquire forma e existência. Os signos são considerados alimento da consciência individual e matéria de seu desenvolvimento. Portanto, a *"lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social"* ([Bakhtin](#), 2009, p. 36).

Por privilegiar a abordagem da realidade dos fenômenos ideológicos, que é considerada a realidade objetiva dos signos sociais, [Bakhtin](#) (2009) afirma que os princípios do seu norteamto são os mesmos da comunicação semiótica, sendo diretamente determinados pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A separação dos fenômenos ideológicos da consciência individual permite ligá-los às condições e formas de comunicação social. Em suma, *"a existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza dos signos ideológicos"* ([Bakhtin](#), 2009, p.36). [Bakhtin](#) (2009) estabelece também uma interlocução entre a psicologia e a ideologia e propõe a construção de uma psicologia que não esteja fundamenta na fisiologia ou na biologia, mas sim na sociologia. O autor considera impossível reduzir o funcionamento da consciência aos processos desenvolvidos no interior do campo fechado de um organismo vivo e defende a necessidade de buscar os processos que se desenvolvem fora do organismo, ainda que o organismo individual participe destes processos. Propõe a psicologia do corpo social, que não estaria situada no interior ou na alma dos indivíduos, mas no plano exterior, onde se materializa nos construtos verbais, na palavra, no gesto, no ato. Assim, o signo ideológico situado fora do organismo, ao penetrar no mundo interior do indivíduo, realiza sua natureza semiótica.

O filósofo defende a apreensão dos processos em que a realidade (*ou infraestrutura, nos termos marxistas*) determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade em transformação. Privilegiando os princípios do materialismo dialético, o autor afirma que essa refração do ser no signo ideológico é determinada pelo confronto de interesses sociais nos limites de uma comunidade semiótica, ou seja, pela luta de classes. Destaca que o conceito de classe social não deve ser confundido com o de comunidade semiótica, ou seja, com a comunidade que adota um único e mesmo código ideológico de comunicação. Afirma, portanto, que *"diferentes classes sociais servem-se de uma só e mesma língua"* ([Bakhtin](#), 2009, p.47).

O signo ideológico torna-se, portanto, a arena onde se desenvolve a luta de classes e onde se confrontam índices de valor contraditórios. Esse entrecruzamento de índices de valor torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. Por outro lado, o signo vazio de tensões da luta social, ou seja, o signo posto à margem da luta de classes, irá debilitar-se e degenerará em alegoria, tornando-se um signo ideológico defunto, incapaz de constituir uma arena para confronto dos valores sociais vivos. Mas a mesma plurivalência social que torna o signo vivo e dinâmico também faz dele um instrumento de refração e deformação do ser. Interessa à classe dominante que ao signo ideológico seja atribuído um caráter intangível e acima das diferenças de classe, ocultando o confronto dos índices sociais de valor e tornando-o monovalente ([Bakhtin](#), 2009).

Esse ponto de vista leva Bakhtin a conceber a dialética interna do signo, que percebe em todo signo ideológico vivo as duas faces de Jano: *"Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras"* (Bakhtin, 2009, p.48). Mas essa dialética do signo não se mostra à descoberta facilmente e, nas condições habituais da vida social, a contradição oculta em todo signo ideológico não se revela, pois: *"Na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante"* (Bakhtin, 2009, p.48).

Em suma, para o autor, o psiquismo e a ideologia se interpenetram no processo das relações sociais. Em toda enunciação se manifesta a dinâmica da *"síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior"*. E a palavra, *"arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória, ... revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais"* (Bakhtin, 2009, p.67). Enunciados alguns dos aspectos mais relevantes da filosofia da linguagem de Bakhtin, passamos a apresentar a Organização Mundial do Comércio por meio da contraposição de dois pontos de vista diferentes.

A Organização Mundial do Comércio tem voz

A voz institucional da Organização Mundial do Comércio se materializa através dos documentos que essa organização divulga em seu [website](#). Esse acervo serve-nos para uma primeira apresentação desse organismo multilateral. Segundo o documento *The World Trade Organization. WTO in Brief* (WTO, 2009), essa instituição foi fundada em 1995, sendo sucessora do Acordo Geral sobre Pautas Aduaneiras e Comércio (*General Agreement on Tariffs and Trade - GATT*), criado após a II Guerra Mundial. Segundo o referido documento, a Organização Mundial do Comércio e seu antecessor (GATT) têm ajudado a criar um forte e próspero sistema de comércio, bem como seu crescimento sem precedentes. O sistema foi desenvolvido por meio de uma série de negociações comerciais, ou rodadas, realizadas no âmbito do *General Agreement on Tariffs and Trade*. As primeiras rodadas voltaram-se para a redução tarifária e evoluíram para medidas antidumping.

A proposta de livre comercialização internacional de serviços entrou na pauta desse organismo desde a Rodada do Uruguai, ocorrida entre 1986 e 1994. Como resultado dessa rodada, em 1995 foi instituído o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (*General Agreement on Trade in Services - GATS*), voltado para regulamentação do comércio dessa natureza. O discurso registrado nesse documento destaca ainda que, em 1997, foram estabelecidos acordos para ampla liberalização dos serviços de telecomunicações, produtos de tecnologia de informação e serviços financeiros que cobrem 95% das transações bancárias, seguros, valores mobiliários e informações financeiras. Acrescenta que, em 2000, as negociações ligadas aos produtos agrícolas e serviços voltam à pauta da Organização Mundial do Comércio. Esses temas foram incorporados à agenda da rodada Doha, iniciada em novembro de 2001.

O documento *Understanding the World Trade Organization* (WTO, 2010a) ajuda-nos a ter uma visão inicial acerca da imagem que a instituição pretende construir de si mesma: *"Em termos simples, a Organização Mundial do Comércio lida com as regras do comércio entre nações no nível global ou quase global. Mas é mais do que isso. ... Acima de tudo, é um fórum de negociação. ... É um conjunto de regras. E ela ajuda a resolver disputas"* (WTO, 2010a, p.9). A apresentação da Organização Mundial do Comércio estaria incompleta se levada a cabo apenas por meio da sua própria enunciação. Segundo os princípios da dialética, não se pode abrir mão do contraditório. Portanto, passemos a palavra àqueles que apresentam esta instituição a partir de uma dimensão crítica, o que nos permite ampliar a compreensão histórica do papel da Organização Mundial do Comércio nas dinâmicas socioeconômicas mundiais.

Outras vozes descrevem a Organização Mundial do Comércio

[Williams](#) (1994) destaca que o *General Agreement on Tariffs and Trade*, GATT, apesar de ter a denominação de acordo e não ser uma instituição, tinha sede própria e secretaria. Quando da sua

criação, após a II Guerra Mundial, os países em desenvolvimento contestaram seus princípios como o tratamento igual a todos, independentemente das diferenças entre o nível de desenvolvimento dos países. Sob esse ponto de vista, o *General Agreement on Tariffs and Trade* trazia mais benefícios aos países industrializados, o que reduziu a adesão a ele. [Siqueira](#) (2004) destaca que, na ocasião da instituição do *General Agreement on Tariffs and Trade*, estavam sendo criadas as Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Sociais, que advogava a solidariedade e a colaboração entre países, em detrimento da competição.

Na década de 1960, os países em desenvolvimento ganham mais força no cenário político e comercial, o que se reflete na criação, dentro do âmbito das Nações Unidas, da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, que tinha como intuito fomentar o comércio em bases mais favoráveis para os países menos desenvolvidos. Em 1974, com a participação ativa dessa Confederação, é aprovado na Assembléia Geral da ONU o documento Nova Ordem Econômica Internacional, que previa fomento à cooperação, trocas e solidariedade entre os países, respeito à soberania e às diferenças sociais, culturais, religiosas, políticas e o fim de formas de apartheid, colonialismos e neocolonialismos comerciais ([Siqueira](#), 2004). Esses mesmos princípios foram defendidos pelos países em desenvolvimento na Rodada do GATT ocorrida em Tókyo (1973-1979), que acabou reconhecendo a legitimidade dos interesses dos países menos desenvolvidos e introduziu o princípio do tratamento especial diferenciado ([Siqueira](#), 2004).

Na década de 1980, agrava-se a crise da dívida externa dos países subdesenvolvidos, em oposição à reconstituição das reservas dos bancos credores dos Estados Unidos. Primeiramente, com o Plano Baker, depois com o Plano Brady, os países latino-americanos renegociaram suas dívidas a um alto preço: foram obrigados a aderir às doutrinas do ideário neoliberal dominante. O Consenso de Washington traria em 1989, depois de uma década de crise econômica mundial, um receituário apoiado pelo governo norte-americano, pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, que recomendava, entre várias ações, a privatização de empresas estatais, a desregulamentação econômica, liberalização financeira e o fim de restrições ao capital externo. Essas agências passaram a vincular rigidamente seus empréstimos e financiamentos à adoção das medidas do Consenso ([Chesnais](#), 1995).

A perda de poder dos países subdesenvolvidos no âmbito das relações comerciais internacionais fica explícita com as negociações do GATT ocorrida entre 1986 a 1995, durante a Rodada Uruguai. Nela, houve a rejeição do princípio do tratamento especial e diferenciado aos países menos desenvolvidos e sua substituição pelas regras do chamado livre comércio, como desejado pelas grandes corporações, que contaram com o suporte de seus governos para abrir mercados e estabelecer normas comuns ([Siqueira](#), 2004). À luz desse contexto histórico resumidamente apresentado, percebe-se que a gestação da Organização Mundial do Comércio durante a Rodada Uruguai e a criação desse órgão resultam da expansão dos princípios do liberalismo econômico, que representa valores cada vez mais distantes do bem comum e da proposta de redução das desigualdades socioeconômicas.

Podemos afirmar também que o estabelecimento de acordos na Rodada do Uruguai, voltados para o segmento de serviços, conhecimento, direito de propriedade intelectual e financeiros, reflete uma tendência de virada do capitalismo contemporâneo, marcada pela expansão do mercado dos bens intangíveis, em detrimento da produção de bens industriais que dominou a economia mundial nos séculos XIX e XX. O ponto de vista crítico nos permite afirmar que esse órgão tem, além de voz, umaafiada arcada dentária.

Princípios metodológicos

Passamos agora a abordar alguns aspectos ligados ao método empregado para analisar o discurso institucional da Organização Mundial do Comércio, seus signos ideológicos e a realidade que eles refletem e refratam. A consciência que o objeto dessa pesquisa - o discurso da Organização Mundial do Comércio - representa um ponto de vista de uma classe, portanto ideológico, inserido em um contexto marcado por contradições, interesses divergentes e disputas pelo poder econômico, motivou a adoção da análise do discurso como instrumento de investigação.

Segundo [Orlandi](#) (2002), a análise do discurso pretende compreender como os objetos simbólicos, que possuem caráter não-transparente, produzem sentido, e os gestos de interpretação realizados pelos sujeitos. Objetiva mostrar como o discurso funciona e produz efeitos de sentido. Pretende, portanto, ser uma reflexão sobre o funcionamento do discurso, não a verificação de hipóteses ou demonstração de teorias. Segundo [Gill](#) (2007), a análise do discurso apresenta diferentes tradições teóricas, diversificados tratamentos e estilos, mas tem alguns elementos em comum. Todas elas rejeitam a noção realista de que a linguagem é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, ao mesmo tempo em que atribuem importância central ao discurso na construção da vida social. Essa autora destaca quatro características chave dessa perspectiva epistemológica: a adoção de uma postura crítica e ceticismo como princípios essenciais, a busca de uma compreensão do mundo histórica e culturalmente específica, o pressuposto de que o conhecimento é uma construção social e, finalmente, a exploração das maneiras como os conhecimentos são ligados às ações e práticas dos atores sociais.

[Gill](#) (2007) argumenta a existência de muitas variedades de análise do discurso, que podem ser agrupadas em três tradições teóricas: (i) a linguística crítica, semiótica social ou crítica, e os estudos de linguagem, que estão ligados à semiótica, linguística e análise estruturalista; (ii) uma segunda tradição derivada da teoria do ato da fala, etnometodologia e análise da conversação, voltada para a orientação funcional ou orientação da ação que o discurso possui; e (iii) a pós-estruturalista, que rompe com a visão realista da linguagem e rejeita a noção de sujeito unificado coerente, atribuindo mais importância ao olhar histórico dos discursos do que aos detalhes do texto.

Para a autora, as temáticas da análise do discurso podem ser classificadas em quatro grupos. O primeiro refere-se ao discurso em si mesmo, que inclui toda forma de fala e texto e está voltado para o conteúdo e a organização do texto, mas não tenciona chegar a alguma realidade oculta. O segundo está ligado à linguagem construtiva e construída, onde se adotam recursos linguísticos pré-existentes. No terceiro grupo, estão incluídas as temáticas que percebem o discurso como forma de ação, ou seja, como prática social. O quarto grupo tem como tema comum a organização retórica do discurso, sendo o discurso percebido como um instrumento que está voltado para a persuasão de visões de mundo competitivas ([Gill](#), 2007). Entre as diferentes tradições teóricas da análise do discurso, elegemos as concepções de [Bakhtin](#) (2009) como guia para nosso ponto de vista. Este autor pode ser considerado um dos precursores na proposição de procedimentos metodológicos visando à abordagem dos problemas concretos da linguística.

Pressupondo que "*a consciência individual é um fato socioideológico*" ([Bakhtin](#), 2009, p.5), esse autor afirma que ela só se torna consciência efetivamente quando se impregna de conteúdo ideológico, o que se dá somente nos processos de interação social. O autor propõe, portanto, a investigação da comunicação semiótica, substituindo a ênfase na consciência individual pela comunicação social que se materializa no signo.

O compromisso de [Bakhtin](#) com a dialética materialista fez com suas reflexões não se limitassem à dimensão idealista e, ao contrário, fossem ao encontro do aspecto concreto da realidade. Dentro dessa perspectiva, ele defende que o signo ideológico é mais do que um reflexo ou uma sobre a realidade, constituindo-se em seu fragmento material. Nesse sentido, destaca que todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, como, por exemplo, o som, a cor ou o movimento do corpo. Essa realidade objetiva do signo torna-o passível de ser metodologicamente estudado.

Para o filósofo, a linguagem é o lugar onde aparece de maneira mais clara e completa o aspecto semiótico da comunicação social e seu fator condicionante. Justifica, assim, a importância da palavra como fenômeno ideológico e como o modo mais puro e sensível da relação social, o que permite considerá-la o objeto fundamental do estudo das ideologias. Considera que o estudo da palavra, a partir de uma filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico, permite avançar na apreensão das "*leis da refração ideológica da existência em signos e em consciência, suas formas e seus mecanismos*" ([Bakhtin](#), 2009, p.39). Rejeitando os métodos que recorrem a categorias mecanicistas, para o autor "as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e

servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios", e constituem o indicador mais sensível das relações e das transformações sociais ([Bakhtin](#), 2009, p.42).

Considerando que todo signo resulta de um consenso surgido entre indivíduos organizados socialmente no transcurso de um processo de interação, o signo tem sua forma condicionada pela organização social destes indivíduos, assim como pelas condições em que se dá o processo de interação. Nesse sentido, [Bakhtin](#) (2009) propõe a investigação da mútua influência do signo e do ser, ou seja, do processo de refração dialético do ser no signo. Para tanto, propõe três regras metodológicas. De acordo com a primeira regra, não se deve separar a ideologia da realidade material do signo. A segunda recomenda que o signo não seja dissociado das formas concretas da comunicação social. O terceiro princípio defende que a comunicação e suas formas não devem ser dissociadas da sua base material.

[Bakhtin](#) (2009) destaca ainda que na psicologia do corpo social devem ser estudados dois pontos de vista diferentes. O primeiro relaciona-se ao conteúdo e aos temas presentes em documento objetivos, que representam a expressão materializada da psicologia do corpo social no seu contexto temporal. O segundo ponto de vista refere-se aos *"tipos e formas de discurso, através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc"*. O autor enfatiza a necessidade de analisar mais do que as fontes da compreensão do espírito de uma época, mas as formas de concretização deste espírito, ou seja, as *"formas da comunicação no contexto da vida através de signos"* ([Bakhtin](#), 2009, p.44). A aplicação dos princípios metodológicos eleitos, na pesquisa realizada, começou por uma análise geral do site da Organização Mundial do Comércio, sua arquitetura, estrutura, segmentação da distribuição das temáticas, glossário, assim como seu conteúdo.

Essa primeira análise nos permitiu apreender alguns aspectos daquele discurso ali registrado, mas revelou que o sítio da Organização Mundial do Comércio apresenta uma grande quantidade de informações e documentos institucionais. A percepção da extensão do acervo disponível gerou-nos um assombro inicial e reforça a pertinência do alerta de Bolaño: *"O excesso de informação, o bombardeamento de informações, que caracterizam em grande medida a situação atual do desenvolvimento capitalista, não eliminam em hipótese alguma esse descompasso entre informação reservada (do interesse do capital e do Estado) e informação de domínio público, mas apenas ajuda a cobri-lo"* ([Bolaño](#), 2000).

Após esse primeiro sobressalto, partimos para a definição do critério para o recorte a ser realizado. Decidimos direcionar nossa análise para os documentos institucionais em que a Organização Mundial do Comércio se apresenta como instituição, expondo um ponto de vista próprio sobre sua natureza, seus objetivos, princípios e valores, ou seja, a enunciação explícita da sua ideologia institucional. Tendo em vista esse critério, a seção denominada *What is the WTO?* ([WTO](#), 2010a) foi tomada como a principal para a investigação realizada. O mesmo critério serviu para seleção de cinco documentos dentre os que estavam disponíveis naquela seção: *Understanding the WTO* ([WTO](#), 2010b), *The WTO in Brief* ([WTO](#), 2009), *Copyright* ([WTO](#), 2010c), *About the WTO - Statement by the Director-General* ([WTO](#), 2010d), *Message from the Director-General* ([WTO](#), 2010e).

A análise do conteúdo, dos temas, dos tipos e da forma do discurso manifesto neste corpus levou aos resultados apresentados a seguir.

Resultados

Os direitos de cópia (copyright) declarados pela Organização Mundial do Comércio em seu site refletem a clara intenção dessa instituição em disseminar amplamente a informação, seus signos e o sentido que ela pretende criar: *"O copyright do site e seu conteúdo pertencem à Organização Mundial do Comércio. A Organização Mundial do Comércio encoraja a mais ampla disseminação das suas informações, particularmente para fins educacionais. Documentos oficiais não restritos e os textos legais são livres para uso público"* ([WTO](#), 2010c).

A aparente transparência e a pretensa publicidade das informações da Organização Mundial do Comércio mostram-se falaciosas quando se percebe, a partir das entrelinhas da declaração acima, que, se existem documentos oficiais não restritos, existem outros considerados confidenciais. Corrobora

essa afirmativa, um dos processos regimentais que destacamos a seguir: "*Quando um questionamento acerca de uma lei nacional ou local é trazido à Organização Mundial do Comércio, as partes contendoras apresentam seu caso em uma audiência secreta ante um painel de três peritos em comércio*" ([Korten](#), 1996).

A seção *What is the WTO?* tem destaque no website, sendo a primeira que se apresenta no canto superior esquerdo da página inicial. Dentro dessa, encontramos a seguinte apresentação da Organização Mundial do Comércio: "*A Organização Mundial do Comércio é o único organismo internacional que lida com as regras do comércio entre nações. No seu coração estão os acordos da Organização Mundial do Comércio, negociados e assinados pela maior parte das nações do comércio mundial e seus parlamentos. O objetivo é ajudar produtores de bens e serviços, exportadores e importadores a conduzir seus negócios*" ([WTO](#), 2010a).

A enunciação acima nos permite apreender alguns dos principais sentidos a serem construídos pelo discurso da Organização Mundial do Comércio e seus signos. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de a Organização Mundial do Comércio ser apresentada como o único fórum para lidar com as regras do comércio internacional. O documento *The WTO in Brief* também destaca a mesma afirmativa: "*A Organização Mundial do Comércio é o único organismo internacional que lida com as regras do comércio entre nações*" ([WTO](#), 2009, p.1). Podemos afirmar que, por meio dessa reiterada ênfase, a Organização Mundial do Comércio desqualifica previamente quaisquer outros organismos que se proponham a lidar com o comércio entre nações, especialmente aqueles contrários ao primado da lógica mercantil e do lucro acima dos direitos humanos e da igualdade socioeconômica. Dessa maneira, o signo ideológico - arena onde se dá a luta de classes e onde se confrontam índices de valor contraditórios - é apresentado como monovalente, e seu caráter dialético é ocultado.

A despeito desse fato, para fazer referência ao núcleo da Organização Mundial do Comércio, a frase seguinte adota a palavra *'heart'*, tradicional signo relacionado com o sentimento de amor, com os princípios do bem, da amizade e entrega irrestrita. Em seguida, o verbo *'help'* é empregado em um contexto cujo sentido tanto pode ser o de ajudar quanto de socorrer. Contraditoriamente, no encerramento da autoapresentação da Organização Mundial do Comércio transcrita acima, cai por terra a imagem de benevolência que havia sido criada, pois revela-se que a ajuda está voltada não para o bem comum, mas sim para a condução das negociações comerciais de exportadores e importadores. Os termos da missão da Organização Mundial do Comércio estão disponíveis a partir de um *link* da seção *What is the WTO?* e têm início com o seguinte enunciado: "*A Organização Mundial do Comércio é a organização internacional cujo principal propósito é abrir o Mercado para o benefício de todos*" ([WTO](#), 2010d).

Por meio desta afirmação, esse organismo tenta incutir em seu público alvo a ideia de que a abertura irrestrita do mercado traz benefícios universais, ocultando o fato de que essa liberalização interessa aos países desenvolvidos e não aos subdesenvolvidos, dada a assimetria das relações comerciais entre estes dois tipos de nações. O signo ideológico revela, assim, seu caráter ideológico refratário e deformador. Os termos da missão da Organização Mundial do Comércio justificam seus princípios e ações: "*A abertura de mercados nacionais para o comércio internacional, com justificadas exceções ou com flexibilidades adequadas, irá incentivar e contribuir para o desenvolvimento sustentável, aumentar o bem-estar das pessoas, reduzir a pobreza e promover a paz e a estabilidade*" ([WTO](#), 2010d).

Percebe-se, a partir deste enunciado, que os signos ideológicos difundidos pela Organização Mundial do Comércio associam a abertura dos mercados internacionais ao desenvolvimento socioeconômico dos países menos desenvolvidos e pobres, contrariando o que se pode afirmar a partir da perspectiva crítica. Esta argumentação reforça a ideia de que caminhos diferentes do liberalismo econômico não contribuem para a prosperidade, para a paz e para a estabilidade mundial. O mesmo se pode afirmar a partir dos seguintes argumentos: "*Produtores e exportadores sabem que o mercado externo continuará aberto para eles. O resultado é um mundo mais próspero, mais pacífico e economicamente mais responsável. ... Os acordos foram negociados e assinados pelos governos. Mas seu propósito é ajudar produtores de bens e serviços, exportadores e importadores a conduzir seus negócios. O objetivo é melhorar o bem-estar da população dos países membros*" (WTO, 2009, p.2)

Portanto, é possível afirmar que, por meio desse discurso, essa instituição tenta atribuir à liberalização econômica uma imagem de redentora universal das mazelas sociais da humanidade, ao mesmo tempo em que se coloca como alternativa única para o desenvolvimento global. As palavras de Pascal Lamy, diretor geral da Organização Mundial do Comércio, reforçam a análise apresentada: *"Eu acredito que a abertura dos mercados e a redução de barreiras têm sido e continuarão a ser essenciais para promover o crescimento e desenvolvimento, para melhorar padrões de vida e para combater a redução da pobreza. A WTO é o mais eficiente e mais legítimo fórum para abertura e regulação do mercado mundial"* (WTO, 2010e).

Porém, em sua fala, o diretor geral explicita aquela que aparenta ser a grande contradição desse sistema internacional: *"Mas apesar de a abertura de mercados produzir benefícios para muitos, ela também gera custos de ajustamentos que não podem ser ignorados. Esses ajustamentos não podem ser relegados ao futuro: eles têm que ser parte integral da agenda de abertura. É o que chamo de "Consenso de Genebra": a crença de que a abertura de mercado contribui para o desenvolvimento, mas somente se corrigir os desequilíbrios que ela cria entre ganhadores e perdedores, desequilíbrios esses que são todos mais perigosos para as economias mais frágeis e suas sociedades e países"* (WTO, 2010e). Embora a enunciação de Pascal Lamy esteja inserida numa perspectiva ideológica e não dialética, ela merece ser destacada, pois demonstra como, paradoxalmente, o discurso ideológico deixa escapar, eventualmente, o conflito que era insistentemente mantido oculto. Quando menos se espera, a contradição teima em revelar-se.

Conclusões

O signo, alimento da consciência individual, é criado por grupos organizados no curso de suas relações sociais, e sua constituição requer uma organização social entre indivíduos que se comunicam (Bakhtin, 2009). Nesse sentido, podemos afirmar que a Internet corporifica um terreno interindividual propício para a difusão de signos.

Por outro lado, seria ingênuo afirmar que o discurso institucional da Organização Mundial do Comércio, por si só, determina a consciência do grupo social para o qual ele se destina. O pensamento dialético recusa os princípios da causalidade mecanicista (Bakhtin, 2009). O papel da dialética no plano discursivo é evidenciar as relações de dominação e resistência nas quais a palavra é empregada para reforçar o poder da classe dominante.

Concordando com Reis e Martins (2009), entendemos que os processos de significação promovidos pela mediação informacional se mostram dinâmicos e ininterruptos, num eterno devir construído dialeticamente.

Buscar uma identidade informacional, investigar o universo dos signos e da construção de sentidos em cenários semióticos são desafios promissores que não devem se limitar ao plano da abstração teórica. É necessário também alcançar a manifestação material desses construtos sociais.

Linguagem, signo e ideologia se entrelaçam. A palavra, fenômeno ideológico que forma e deforma o signo, é um sensível indicador das relações sociais. Em relação ao contexto analisado, percebe-se que o sentido que a Organização Mundial do Comércio busca construir de si mesma e do liberalismo econômico está ancorado em uma imagem de panaceia única para redução das desigualdades sociais e econômicas mundiais, bem como para o alcance da paz e da estabilidade das nações.

Estes signos ideológicos materializam a imagem de uma instituição que se apresenta como arauto único do caminho ideal para a prosperidade da humanidade. Não se limitam a representar a realidade sob esse ponto de vista de classe, mas também refletem e refratam outras dimensões do modo de produção capitalista. Encobrem e desqualificam outras perspectivas que atribuem ao liberalismo uma falta de compromisso com as mazelas socioeconômicas do mundo contemporâneo. A dialética materialista não abre mão de expor os conflitos mascarados pelos signos monovalentes. Ao contrário, defende que somente a partir da contradição é que surge a perspectiva de transformações das estruturas concretas da realidade social.

Notas:

[1] Moura (2009) adota o termo identidade informacional em um ensaio voltado para os processos por meio dos quais os sujeitos organizam e recuperam a informação em ambientes colaborativos virtuais e nas redes sociais. Afirma que o sujeito, nestes contextos, manifesta-se como fluxo informacional e que sua identidade pode ser pautada pela informação empregada nestes aparatos tecnológicos e pelo rastreamento dos percursos informacionais no ciberespaço. Nosso prisma difere deste, em primeiro lugar, por adotar as lentes da dialética materialista. Ademais, elegemos como objeto empírico um website não colaborativo. No entanto, existem alguns princípios que aproximam as duas perspectivas. Ambas guardam uma afinidade com a tradição da sociologia do interacionismo simbólico, pois atribuem à identidade individual vínculos com o mundo vivido por meio das mediações da linguagem, e ambas destacam a importância do ambiente sociocultural na construção das identidades individuais e coletivas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, C. C. Peirce e a organização da Informação: contribuições teóricas da Semiótica e do Pragmatismo. 2009. 416 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2009.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009. 203p.
- BOLAÑO, C. R. S. Indústria Cultural, Informação e Capitalismo. São Paulo:Hucitec, 2000. 282p.
- CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim de século. Economia e sociedade, Campinas, n.5, p. 1-30, 1995.
- GILL, R. Análise do Discurso. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Org.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 520p.
- JAKOBSON, R. Prefácio. In: BAKHTIN, M., Marxismo e filosofia da linguagem, São Paulo: Hucitec, 2009. 203p.
- KORTEN, D. C. When corporations rule the world. Connecticut: Kumarian Press/San Francisco: Berrett-Koehler, 1996. 408p.
- MOURA, M. A. Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes. Encontros Bibli, Florianópolis, v. 2, p. 1-17, 2006.
- _____. Folksonomias, redes sociais e a formação para o tagging literacy: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais. Informação e Informação, Londrina, v.14, n. esp, p.25-45, 2009.
- ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 4a ed. Campinas: Editora Pontes, 2002. 100p.
- REIS, A. S., MARTINS, A. A. L. Movimentos sociais, informação e mediação: uma visão dialética das negociações de sentido e poder. Datagramazero. v.10, n. 5, 2010.
- SANTAELLA, I. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2006. 84p.
- SUASSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970. 279p.
- SIQUEIRA, A. C. A regulamentação do enfoque comercial no setor educacional via OMC/GATS. Revista Brasileira de Educação. n. 26, p. 145 a 184, 2004.
- WILLIAMS, A. International economics organization and the third world. Great Britain: Harvester/Wheatsheaf, 1994. 256p.
- WTO. The WTO in Brief. Genebra: WTO Publications, 2009 Disponível em: <http://www.wto.org/english/res_e/doload_e/inbr_e.pdf> Acesso em 29 jul 2010.
- _____. What is the WTO? 2010a. Disponível em: <http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/whatis_e.htm>. Acesso em 29 jul 2010.
- _____. Understanding the WTO. Genebra: WTO Publications, 2010b. Disponível em: <http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/understanding_e.pdf> Acesso em 29 jul 2010.
- _____. Copyright. 2010c. Disponível em: <http://www.wto.org/english/info_e/cont_e.htm#Copyright>. Acesso em 29 jul

2010.

_____. About the WTO - Statement by the Director-General. 2010d. Disponível em:

<http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/wto_dg_stat_e.htm>. Acesso em 29 jul 2010.

_____. Message from the Director-General. 2010e. Disponível em: <http://www.wto.org/english/thewto_e/dg_e/dg_e.htm>

Acesso em 29 jul 2010.

YAGUELLO, M. Bakhtin, o homem e seu duplo. In: BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009. 203p.

Sobre os autores / About the Author:

1) Rodrigo Moreno Marques e 2) Marta Macedo Kerr Pinheiro e 3) Filipe Oliveira Raslan

rodrigomorenomarques@ufmg.br , martapinheiro@eci.ufmg.br , fraslan@hotmail.com

1) Mestrado em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da UFMG, doutorando em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da UFMG, professor da Universidade FUMEC.

2) Pós-doutorado no Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales da Université Paul Sabatier- Toulouse , França, doutorado em Ciência da Informação - IBICT/CNPq-ECO-UFRJ e Centre d'Études des Mouvements Sociaux (CEMS), CNRS (França), professor Associado da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

3) Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, doutorando em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas.